



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

AUGUSTO SÉRGIO BEZERRA DE OLIVEIRA

**LINHA DE PESQUISA: ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E
MÉDIO**

**O PAPEL SOCIAL DA ORGANIZAÇÃO DAS AULAS DE GEOGRAFIA: UM
ESTUDO DE CASO NA E.E.E.F.M. PROFº JOSÉ SOARES DE CARVALHO –
GUARABIRA – PB**

**GUARABIRA-PB
2014**

AUGUSTO SÉRGIO BEZERRA DE OLIVEIRA

O PAPEL SOCIAL DA ORGANIZAÇÃO DAS AULAS DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO NA E.E.E.F.M. PROFº JOSÉ SOARES DE CARVALHO – GUARABIRA – PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador (a): Lúcia de F. B. Marques

**GUARABIRA-PB
2014**

Ficha catalográfica

O48p Oliveira, Augusto Sérgio Bezerra de
O papel social da organização das aulas de geografia: um estudo de caso na E.E.E.F.M. Profº José Soares de Carvalho - Guarabira - PB [manuscrito] : / Augusto Sergio Bezerra De Oliveira. - 2014.
44 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em GEOGRAFIA) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Profª Ms. Lúcia de F. B. Marques, Departamento de Geografia".

1. Ensino. 2. Geografia. 3. Planejamento. 4. Avaliação. I. Título.

21. ed. CDD 910

AUGUSTO SÉRGIO BEZERRA DE OLIVEIRA

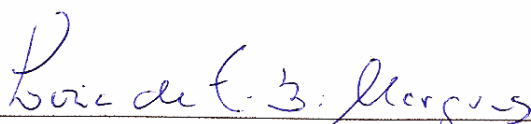
O PAPEL SOCIAL DA ORGANIZAÇÃO DAS AULAS DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO NA E.E.E.F.M. PROFº JOSÉ SOARES DE CARVALHO – GUARABIRA – PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Aprovada em: 25/12/2016.

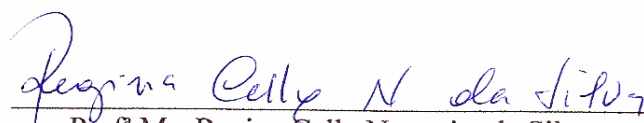
BANCA EXAMINADORA



Profª Ms. Lúcia de F. B. Marques (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Ms. Regina Celly Nogueira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Lúcia Marques pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus pais Manoel Florentino de Oliveira e Creuza Bezerra de Oliveira pelas orientações e por toda a minha formação pessoal e profissional.

Às pessoas especiais presentes em minha vida pelo incentivo e apoio, dando-me força e suporte para os desafios ao longo do curso.

Aos docentes do Curso de Licenciatura Plena em Geografia UEPB, em especial, às prof^{as} Cléoma Toscano e Juliana Vilar, que contribuíram ao longo da minha participação no PIBID UEPB.

Aos colegas de classe, em especial JOANA D'ARC, MARIA JOSÉ e LEONALDO pelos momentos de amizade e apoio no decorrer do curso.

À Deus pela dádiva de ter conseguido chegar à etapa final do meu curso.

“O professor de geografia em grande medida vai aprendendo que pode criar e inovar, contribuindo para a construção de uma nova geografia, um saber crítico que auxilie o educando no seu posicionamento frente ao mundo em que vive.”

José William Vesentini

O PAPEL SOCIAL DA ORGANIZAÇÃO DAS AULAS DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO NA E.E.E.F.M. PROFº JOSÉ SOARES DE CARVALHO – GUARABIRA – PB

OLIVEIRA, Augusto Sérgio Bezerra de.¹

RESUMO

O presente artigo pretende analisar de forma fundamentada o **papel social da organização das aulas de Geografia** na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Profº José Soares de Carvalho – Guarabira – PB. O texto construído é parte do resultado das pesquisas realizadas como bolsista do PIBID UEPB - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - entre os anos de 2012 e 2013. Aqui é importante discutir a dimensão do conteúdo das aulas de Geografia para uma escola, além do sentido de disciplina, existente na atualidade. A ciência geográfica também está fundamentada na base social e na formação pessoal de todos que fazem parte do espaço vivido, isso acontece devido a compreensão do espaço e do lugar que todos fazem parte, neste caso, a própria escola. Apesar de uma carga horária reduzida – a maioria das aulas com 45 minutos de duração. Ainda assim possuem um papel provocativo do pensar dos alunos e este processo, ligado ao pensamento crítico, na tentativa de construir alunos atuantes. Como uma ciência humana, o papel social designado a Geografia é de fundamental importância para a formação crítica dos alunos e para os elementos e fatores que fazem parte deste processo. O professor deve perceber as reações presentes dentro da sala de aula, como a participação, o envolvimento dos alunos com as atividades e a compreensão do conteúdo no decorrer da relação ensino aprendizagem e de que forma – positiva ou negativa - estas reações estão se afluando na visão de seus alunos e com esses resultados (re)elaborar e adotar um processo contínuo de autoavaliação de sua metodologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Geografia. Planejamento e Avaliação.

1 INTRODUÇÃO

O papel da Geografia na formação da sociedade é evidente ao ponto em que tratamos a ciência como parte integradora do processo de formação das pessoas, enquanto agentes, no processo de transformação social existente em cada espaço vivido². Na medida em que a Geografia reúne e sintetiza diversos conceitos e conhecimentos de outras ciências, e que formula suas próprias teorias com base nesses estudos, cabe ao geógrafo, desvendar a percepção e tradução dos fenômenos sociais e seus efeitos na sociedade a qual faz parte. O

¹ Aluno de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III. Email: augustosergiobezerra@gmail.com

² Milton Santos foi o principal autor que considerou o espaço como objeto de estudo da Geografia e o associou ao termo “espaço vivido” como forma de individualizar o lugar.

ensino da Geografia precisa ir além do ensino tradicional e partir para uma prática inovadora (GANDIN, 2000).

A ciência geográfica reúne uma gama de conceitos e apontamentos críticos que podem contribuir para reflexão da (des)ordem que forma as camadas da sociedade. Mas o que permite tornar as aulas de Geografia mais atrativas é a capacidade inovadora que o seu conteúdo oferece e a ação do professor, que pode e tem em suas mãos a oportunidade de construir um vínculo social em conjunto com a sua didática, planejamento e avaliação de suas aulas. Para isso, é importante perceber e trazer para seus conteúdos a realidade vivenciada pelos alunos e na medida do possível adequar a sua organização pedagógica, buscando assim o melhor aproveitamento dos recursos utilizados e da construção do conhecimento dos educandos (FREIRE, 2003).

Segundo MAURI (1999) “(...) a memória construtiva ou compreensiva está muito ligada ao processo de construção do conhecimento (...)”, ou seja, o aluno precisa estar familiarizado com o que está sendo visto em sala através de uma memória que foi construída ao longo de sua trajetória, e que agora pode ser “acionada” para que ele compreenda tais processos. Na relação ensino aprendizagem, este fato vai ser identificado ao longo da aula com a participação e compreensão do aluno acerca do que está sendo apresentado e dialogado.

O estudo aqui apresentado foi construído como foco na organização das aulas de Geografia da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Prof^o José Soares de Carvalho no município de Guarabira – PB. Uma escola que atende, principalmente, um público mais carente e em muitos casos com uma clientela em risco social. É possível perceber a relação colocada em evidência neste estudo com a formação dos alunos que dela fazem parte. Entretanto, é preciso analisar não apenas as características empíricas, havendo a necessidade de se aprofundar nos planos de aula construídos pelo professor e como eles se concretizam no dia a dia das aulas e no andamento do conteúdo.

Um dos grandes desafios propostos hoje para os professores, não só de Geografia, mas de todas as disciplinas, é a necessidade da inovação em sala de aula, isto é sem a dependência recorrente do livro didático e o seu caderno de exercícios de memorização. Contribuir, oferecer subsídios para que o aluno se torne um agente ativo na sala de aula e buscar através dessa relação sua compreensão, social e espacial, acerca dos inúmeros fenômenos presentes no seu dia a dia, fazendo com que, a partir desta abordagem, se construa o conhecimento necessário para avançar nos seus estudos.

Não basta apenas **ministrar aulas**, o professor precisa ter a capacidade de instigar e proporcionar uma visão crítica para o seu aluno, revalidando o papel da Geografia dentro e fora da sala (FREIRE, 1970).

É preciso entender como acontece e o impacto ocasionado pelo planejamento do professor de Geografia, para analisar os caminhos e procedimentos metodológicos que devem ser adotados (Castrogiovanni, 2009). Sendo assim, o espaço geográfico poderá ser entendido e apropriado pelas mentes pensantes e críticas dos alunos, estimulados pelas provocações e instigações do professor. Como realizar esta organização deste conteúdo e como fazer para que tudo transcorra dentro do planejado são os principais resultados apresentados neste trabalho.

2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

2.1 A metodologia do estudo de caso

O estudo de caso se aplica em situações quando sentimos a necessidade de analisar um objeto específico com objetivos distintos e imparciais. Para que possamos dialogar com os mais variados espaços e realidades, a exemplificação de um campo de pesquisa é de suma importância e pode tornar as vivências do pesquisador mais significativas e funcionais para o estudo quando pretendido. Para Meirinhos (2010),

O estudo de caso faz sentido se assentar num desenho metodológico rigoroso, partindo de um problema iniciado com “porquê” ou “como” e onde sejam claros os objetivos e o enquadramento teórico da investigação. O problema poderá decompor-se em proposições e estas, por sua vez, em questões orientadoras. Terão de se identificar a(s) unidade(s) de análise e de desenhar os instrumentos de recolha da informação. Deve também fazer-se o necessário registo e classificação da informação a partir das múltiplas fontes de evidência; proceder à triangulação da informação para dar resposta às questões orientadoras e, por fim, filtrar criticamente a problemática estudada com os elementos conceptuais teóricos que fundamentaram o estudo. (MEIRINHOS, 2010, p.16)

O campo de estudo escolhido para produção deste trabalho reflete a realidade de outras escolas e instituições de ensino levando em consideração que fazem parte do mesmo sistema educacional e que são regulamentadas por uma política semelhante para produção do seu PPP – Projeto Político Pedagógico. Levamos em consideração também a infraestrutura vivenciada por cada escola, mas orientados pelo PNDE – Plano Nacional do Desenvolvimento

da Educação - podemos considerar o objeto aqui analisado como sendo um fator comum na região Nordeste e quiçá, ao resto do país.

2.2 Referencial para a produção do texto

Algumas reflexões se fazem necessárias para a análise dos resultados produzidos pelo estudo e a relação entre os objetivos alcançados e os conceitos postulados pela Geografia Crítica. Muito se discute sobre a metodologia aplicada em salas de aulas, nas escolas, mas também devemos estar atentos aos parâmetros que utilizamos para analisar trabalhos que apresentam novas formas de análise do espaço escolar a sua dinâmica constante. Vessentini (2008) aborda estes dois pontos reflexivos de forma oportuna quando considera que:

Enfim, o professor que pretenda implementar no ensino uma geografia crítica deve procurar prender constantemente, evitando os contumazes antolhos ou ideias preestabelecidas que limitam a percepção do real. Uma das principais características do autoritarismo no plano do saber — e das mentes submissas e conservadoras — é a de negar o novo, o não-pensado e não-explicado. Aqui se busca reduzir tudo ao já sabido, ao já teorizado, pois se tem medo da mudança, da incerteza, do novo. Assim, o professor conservador, mesmo sem querer, impede a criatividade do aluno, impede que se possa pensar o novo (VESENTINI, 2008, p. 49)

Elaborar uma teoria ou redigir um texto sobre a necessidade da abordagem crítica na sala de aula é indispensável para uma análise mais produtiva dos processos originados nas correntes geográficas. A relação sociedade x natureza é a base para o esclarecimento e formação de alunos ativos em sua realidade, ou seja, no seu espaço vivido. Ainda segundo Vessentini (2008):

Essa geografia radical ou crítica coloca-se como ciência social, mas estuda também a natureza como recurso apropriado pelos homens e como uma dimensão da história, da política. No ensino, ela se preocupa com a criticidade do educando e não com "arrolar fatos" para que ele memorize (VESENTINI, 2008, p. 14).

O ensino tradicional da geografia tem raízes ainda muito profundas em nossa sociedade e isso torna os caminhos metodológicos inovadores distantes para muitos professores. É necessário desconstruir esta visão conservadora e partir para uma prática voltada para o principal sujeito da escola que é o aluno. Reproduzir uma realidade imposta pelo sistema educacional pode ser o maior equívoco de muitos professores preocupados com o desenvolvimento de seus educandos, como geógrafos, que são podem abrir novos

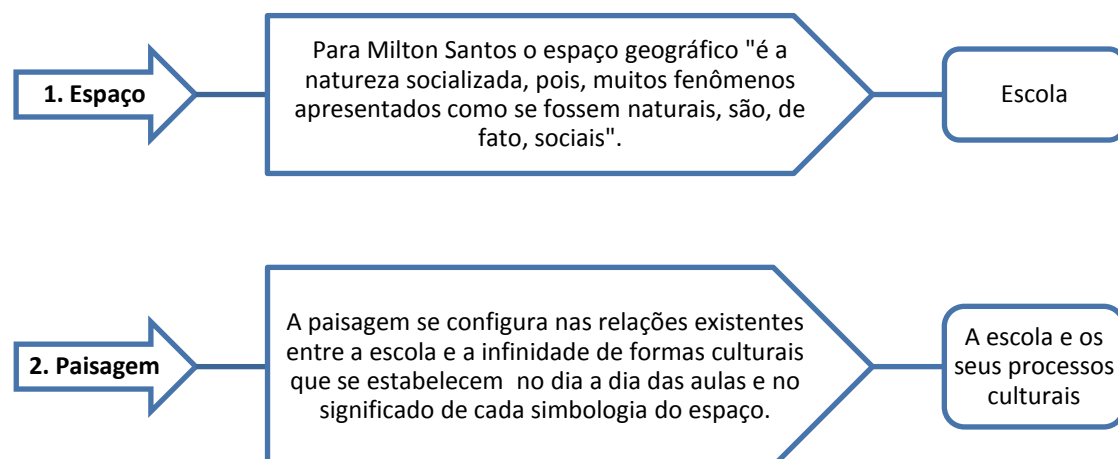
horizontes conceituais e práticos na tentativa de uma transformação social do espaço no qual está inserido a escola, o aluno e a comunidade em geral.

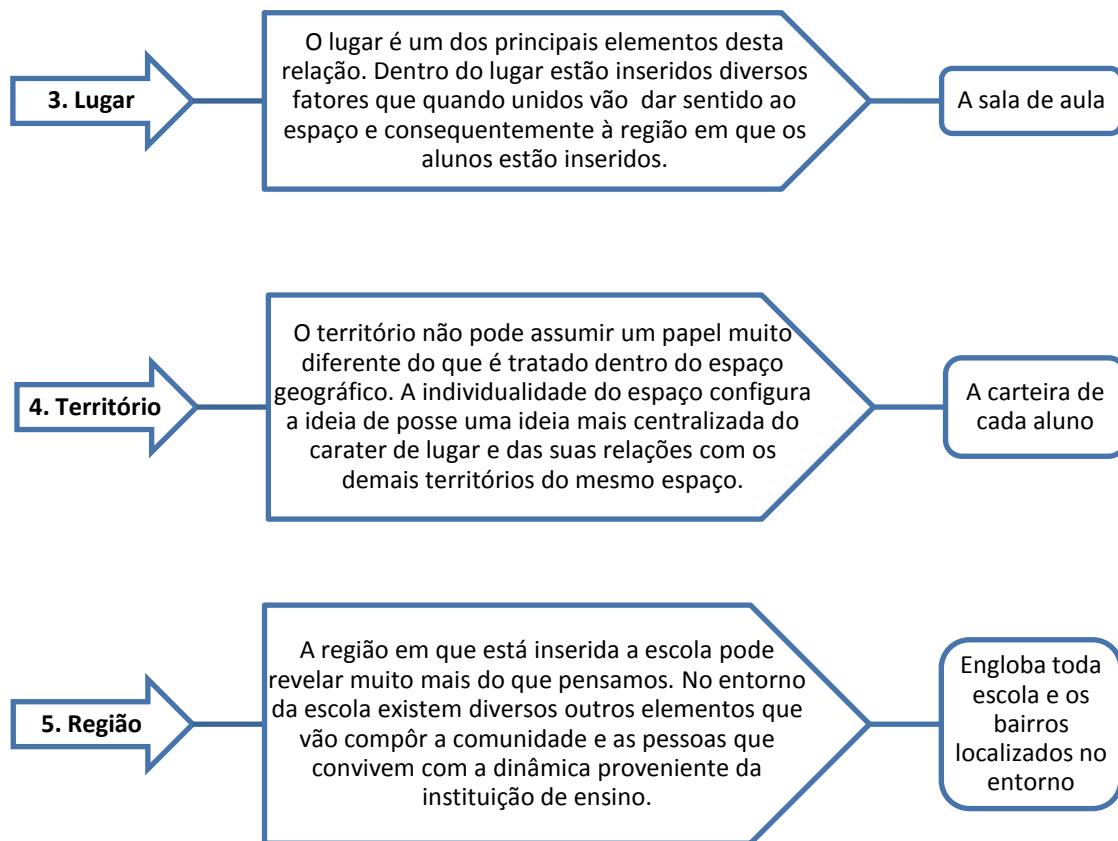
Essa geografia é ainda embrionária, especialmente no ensino. Mas é a geografia que devemos, geógrafos e professores, construir. Todavia, isso não deve significar elaborar um *modelo* a ser seguido (de métodos, temas, conceitos, seqüência da apresentação, etc), pois o modelo por si mesmo destrói a criatividade, limita a descoberta do novo, transforma o conhecimento de fundante em fundado. A geografia se fará diferente de acordo com o problema enfrentado e o engajamento do sujeito do conhecimento. E o ensino é cheio de desafios novos que qualquer modelo pronto vai ignorar. E se o professor não raciocinar em termos de "ensinar algo", e sim de "contribuir para desenvolver potencialidades" do aluno, ele verá que o conhecimento também é poder, serve para dominar ou combater a dominação, e que o educando pode e deve tornar-se co-autor do saber (com estudos participativos do meio, debates freqüentes, textos e conteúdo adequados à realidade social e existencial dos alunos, etc) (VESSENTINI, 2008, p. 15).

Necessariamente deve-se discutir a atuação de cada ciência e o seu plano de desenvolvimento pedagógico dentro da escola. Todas devem buscar uma interligação positiva na efetivação do papel social da escola onde ela está inserida. Não só o professor de Geografia mas todo o corpo docente deve ter atenção para os caminhos pedagógicos que está fazendo uso. A crítica movida contra o ensino tradicional precisa estar fundamentada em experiências metodológicas construídas a partir de reflexões formadas através do uso de outros caminhos pedagógicos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Os principais conceitos e categorias de análise da Geografia





Naturalmente, todo o processo de caracterização do espaço geográfico, segundo os elementos da Geografia, tem mais possibilidades de ser apreendido quando aplicarmos as teorias na prática. Essas relações acima descritas podem ser evidenciadas no cotidiano das aulas de Geografia e da escola. O empirismo vem a ser uma forma efetiva de constatação de desse conhecimento didático e o estudo individualizado pode ser paralelo ao cotidiano de quem se propõe a estudar todos estes elementos.

3.2 A relação sociedade x natureza

Tratar de uma temática tão ampla quanto essa relação é fundamental para a compreensão do espaço que está relacionado ao nosso estudo. A sociedade sempre buscou formas de moldar o lugar no qual está inserida e a escola também participou e participa desse processo de modificação do espaço. De acordo com Matias,

A geografia tem o papel de contribuir para que o indivíduo perceba que a sociedade se fundamenta na construção do social sobre o natural, e que se interagem, formando um todo. A sociedade constrói o espaço, subordinando cada vez mais a natureza, as suas regras, devido aos avanços da tecnologia e pelas possibilidades de prevenção e planejamento. Essa característica permite que o homem encurte distâncias, altere a qualidade de vida dos solos, amenize as características do clima, reorienta o leito dos rios, aumente a extensão dos territórios, drene áreas e aterre-as, amplie as fronteiras agrícolas, considerando-se essas apenas algumas alterações que o homem faz no curso da natureza. É necessário entender a natureza como elemento fundamental do ambiente e construir um conceito de natureza que seja instrumentalizador das práticas cotidianas dos educandos em vários níveis, sem uma visão romântica e naturalista perante o mundo, perante a história como se os homens não participassem da relação homem/natureza. (MATIAS, p.4).

O importante é que sejam pensados caminhos e métodos que se encaixem na realidade vivenciada pelos alunos, nos seus espaços vividos. Buscar interligar o conhecimento da ciência geográfica com as situações e cenários presentes na escola e no seu entorno pode ser uma das saídas para a compreensão de conceitos que caminhem para uma conceituação de paisagem construída pelos alunos e, assim, elaborar alternativas didáticas para a construção de conceitos e categorias apropriadas para cada momento em sala de aula.

Abaixo encontramos uma imagem de satélite da escola onde visualizamos sua área construída juntamente com o seu principal entorno:

Imagem 01: Imagem de satélite da área da escola



Fonte: Google Earth (adaptada pelo autor)

Ao redor da E.E.E.F.M Prof^o José Soares de Carvalho encontramos uma vegetação escassa e em sua maioria são espécies rasteiras. Existem alguns projetos de reflorestamento de iniciativa da própria escola. Identificamos aí, um projeto educativo ambiental importante para que os alunos compreendam a necessidade de preservação do meio no qual estão inseridos e a comunidade escolar pode estabelecer esta relação desde cedo.

3.3 O atual ensino da Geografia no Brasil

Muitas vezes vista e pensada como uma disciplina **decoreba**, a Geografia encontrou e ainda encontra muitas dificuldades para se consolidar como uma ciência respeitada em sala de aula/dentro do sistema educacional - que, efetivamente, estivesse presente nas salas de aula brasileiras (Quintão, 2009). Ela seria uma mera atividade de memorização, para a posterior utilização de tais informações em atividades de avaliação – numa concepção de educação bancária. Essa visão pedagógica tende a diminuir na sala de aula sob a influência das proposições pedagógicas de Paulo Freire e dos apontamentos de Milton Santos que se convergem em prol da reformulação do pensamento da Geografia Crítica.

O ensino da Geografia é voltado, para alguns professores, nas formulações da ciência crítica, proposta por diversos autores que priorizam essa linha de pensamento, e incentivam a formulação de projetos governamentais para a educação. Um marco significativo e que sintetiza a reflexão de uma geografia crítica está representado nos Parâmetros Curriculares Nacionais que apresentam em seu conteúdo:

(...) um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirirmos uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço, e perceber as marcas do passado no presente. (PCN's, 1997, pág. 62)

As proposições teóricas e pedagógicas propostas pelos PCN's se voltam para a Geografia que tem como objetivo formar de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Embora o sistema educacional ainda se reproduza uma visão de conceitos tradicionalistas voltados à memorização dos conteúdos – e deixem de lado o caráter social da disciplina. A perspectiva social da Geografia pode se fortalecer na conscientização e no trabalho em sala de

aula a partir da realidade vivenciada pelos alunos. O ensino pautado no senso crítico como um elemento importante para o ensino da disciplina e da sua fundamentação teórica. Podemos perceber a preocupação com a renovação crítica, aumentar durante o século XX com as discussões propostas por Delgado de Carvalho (QUINTÃO, 2009).

Hoje os caminhos metodológicos utilizados nas aulas de Geografia podem oferecer mais recursos didáticos e meios pedagógicos para que o professor explore um ensino mais eficiente e participativo, mas pode também reproduzir um ensino tradicionalista mascarado. As avaliações e métodos são capazes de fornecer tais informações a partir do momento em que o professor abre espaço para que os alunos interajam e participem (Freire, 1970).

Recentemente foi divulgada na mídia uma medida do governo de São Paulo, que retirou o ensino da Geografia das séries iniciais, causando muita discussão acerca do papel de certas ciências no contexto escolar dos alunos. O Brasil é um país onde as diferenças sociais precisam ser evidenciadas no processo de escolarização e uma medida tão radical quanto essa pode prejudicar a formação do cidadão crítico. É fundamental entender a educação como sendo um processo necessário para a construção da visão de sociedade integrada e não se pautar em justificativas formuladas à favor de uma **segregação** de lugares e espaços como faz entender Vesentini (1990) em:

Mas o que significa a ingênua frase: "necessidade de cuidar de sua educação"? Sabemos que se educa para alguma coisa, que cada sociedade concreta estrutura seu sistema de ensino em função de suas necessidades; mas que numa sociedade de classes não existem "necessidades coletivas" e nem "comunidades" (apesar de a escola se apresentar normalmente como representante dos "interesses da comunidade") (VESENTINI, 1990).

Nesta percepção a Geografia chega como a norteadora dessa discussão. A relação entre a escola e as camadas sociais é outro ponto que o professor pode abordar em sala de aula e relacionar com o dia a dia dos seus alunos, tornando a aula mais dinâmica e participativa.

3.4 O atual ensino da Geografia nas escolas públicas brasileiras

Apesar das discussões e debates realizados nos inúmeros encontros científicos – ENG, AGB, ENPEG, ENID entre outros, a maioria das práticas em sala de aula continuam reproduzindo o ensino tradicional. Para melhorar as suas aulas, o professor deve abrir mão do

ensino bancário e optar pelo desenvolvimento de novas metodologias, didáticas de ensino e planejamento de suas aulas e atividades. O planejamento é, então, a primeira etapa para o ensino. Segundo Luckesi:

O planejamento não será nem exclusivamente um ato político-filosófico, nem exclusivamente um ato técnico; será, sim, um ato ao mesmo tempo político-social, científico e técnico: político-social, na medida em que está comprometido com as finalidades sociais e políticas; científico, na medida em que não se pode planejar sem um conhecimento da realidade; técnico, na medida em que o planejamento exige uma definição de meios eficientes para se obter os resultados. (LUCKESI, p.119)

Muitos recursos como o computador e a leitura de mapas em gráficos digitais são implantados nas escolas na tentativa do avanço das técnicas de ensino. Mas como estes recursos são e estão sendo utilizados na realidade e como eles fazem parte do processo de construção do conhecimento? Estas são as principais questões que podem e devem ser levantadas nesse momento. Uma das principais formas de intervenção da Geografia – dentro desse contexto – é a sua capilaridade social, capacidade essa que deve ser explorada pelo professor em sala. De acordo com Callai,

Nesse sentido a geografia, entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, quer dizer, as questões da sociedade, com uma “visão espacial”, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania. (CALLAI, 2001, pág. 9)

Mas como está configurado o planejamento escolar e principalmente como está fundamentada as aulas de Geografia? Essa e outras questões são fundamentais no desenvolvimento desta análise. O ensino de Geografia, em escolas públicas principalmente, deve ser voltado para a formação social, pessoal e cidadã dos alunos que em muitos casos não conhecem nem metade dos seus direitos e deveres perante a sociedade. O ensino não pode ficar pautado na mera observação, no empirismo, mas na atuação crítica dos professores e estudantes (OLIVEIRA, 2010).

3.5 As aulas de Geografia como um fator de formação social

A Geografia é uma ciência focada na relação existente entre o homem e a natureza, na luta de classes dentro do espaço geográfico e a sua constituição se deu através de muitos destes eventos. Muito embora seja considerada uma disciplina **chata**, ela pode despertar o olhar mais profundo para as questões que nos rodeiam todos os dias na configuração das diferentes paisagens e não apenas como uma forma de **observar** o lugar, mas de ser sujeito ativo do espaço geográfico. Ainda segundo Callai,

A partir desta problemática é que nesse ensaio se discute a Geografia como componente curricular da educação básica, com o objetivo de contribuir para a formação do cidadão. Um cidadão que reconheça o mundo em que vive, que se compreenda como indivíduo social capaz de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço, e que consiga ter os mecanismos e os instrumentos para tanto. (CALLAI, 2001)

Durante o processo de escolarização, os alunos tem a chance de conviver com as mais variadas situações e temas possíveis. O contato com uma vasta gama de conhecimentos pode fazer com que eles não compreendam o que realmente se passa e de que forma tudo acontece, mas podem ser instigados pelas aulas de Geografia, para assim posta a possibilidade da construção do seu próprio conhecimento e formação social consciente. Entretanto, uma das principais preocupações até então é a forma como esses conceitos são verificados e como eles serão trabalhados em sala. Uma indagação complexa, mas bastante coerente quando tratamos do papel social das aulas de Geografia.

4 DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

4.1 Campo de pesquisa

As atividades se concentraram na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho reconhecida pelo Conselho Estadual de Ensino (CEE/PB) desde 1984 e autorizada pelo Decreto n. 4.58/84 oferecendo as modalidades de ensino fundamental e médio além da EJA no turno noite, conhecida pela população como **Colégio Estadual de Guarabira**, a escola carrega em sua história uma série de ilustres guarabirenses renomados que fizeram parte da instituição como alunos e também professores.

Durante o período de atuação da primeira turma de Geografia do PIBID/UEPB – Campus III nos anos de 2012 e 2013. A atuação do programa da escola possibilitou a realização de diversas atividades metodológicas destinadas ao ensino crítico da Geografia e da atuação da ciência na vida pessoal e profissional dos alunos.

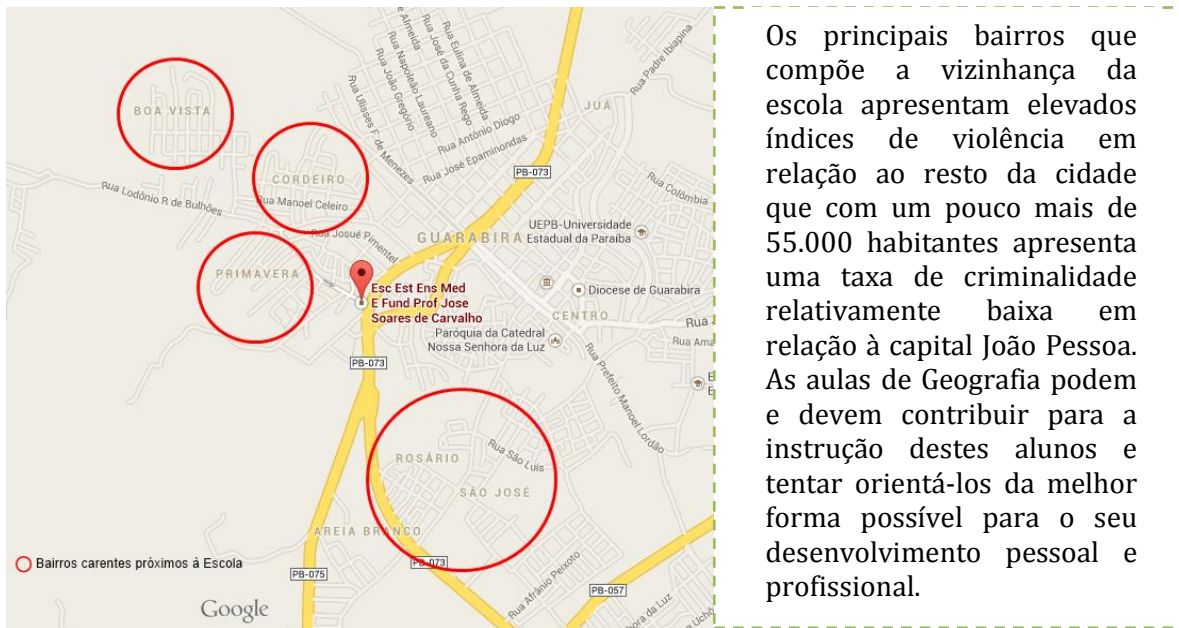
FIGURA 01: Mapa de localização da escola



Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor)

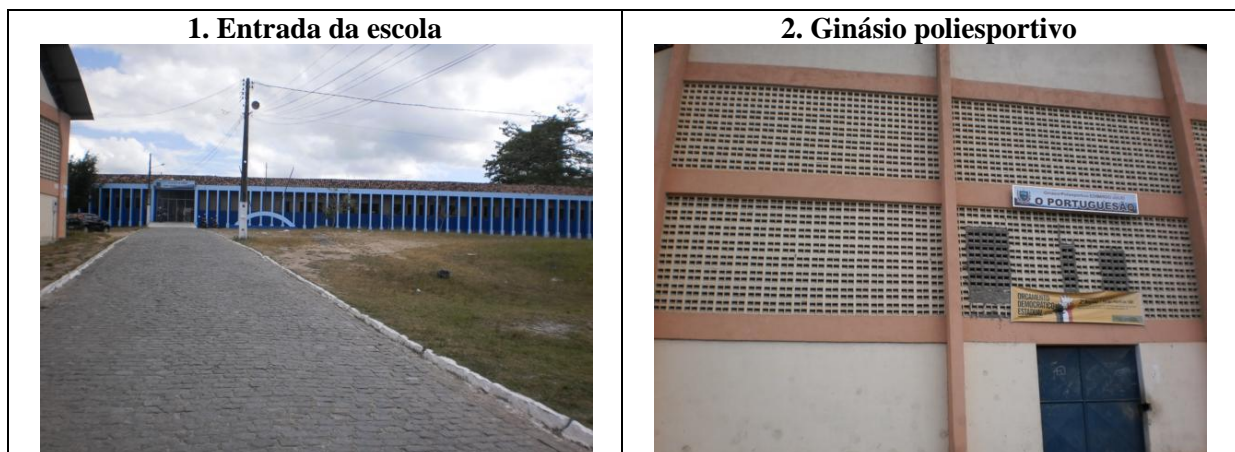
Por se tratar de uma escola pública estadual, a instituição atende principalmente alunos de bairros mais carentes e em alguns casos, em vulnerabilidade social. Atividades com foco na realidade vivenciada, ou seja no espaço vivido, possuem um bom índice de participação além do resultado satisfatório de entrosamento dos estudantes quando trazemos para a sala assuntos mais ligados ao seu dia a dia, como a fome e a violência no bairro.

É importante nesta etapa ilustrar a vizinhança da escola e a sua correlação com a comunidade que a rodeia. Buscando interligar fatos e fatores que fazem da aula de Geografia um importante canal para reflexão do espaço vivido, encontramos uma ação inovadora para o professor. No mapa abaixo observamos os bairros no entorno da escola:

FIGURA 02: Bairros localizados no entorno da escola

Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor)

Com 03 (três) aulas semanais com duração de 45min por turma, o professor de Geografia se limita a uma organização de conteúdos pautados pelo livro didático. Esse é o quadro recorrente e o geógrafo precisa buscar outras formas metodológicas para desenvolver atividades dinâmicas, lúdicas e imprescindíveis para a complementação do assunto visto pelos alunos. Trabalhar com faixas etárias diferentes se torna um desafio para o professor que planeja suas aulas e que observa a necessidade de **adaptar** o seu plano segundo a realidade de seus alunos.

Quadro 01: Espaços da escola

3. Sala de aula



4. Sistema de segurança da escola



5. Sala do arquivo



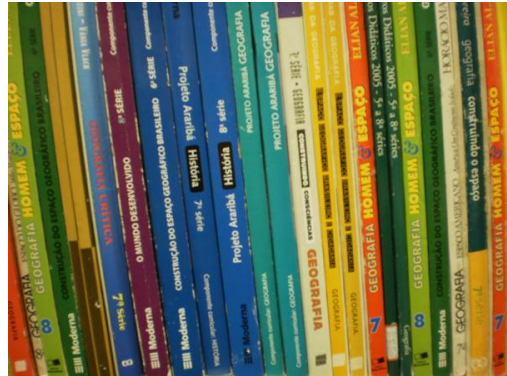
6. Auditório da escola



7. Projeto de jardinagem na escola



8. Livros de Geografia identificados na biblioteca da escola



9. Secretaria da escola



10. Corredor das salas de aula



4.2 Resultados de nossas pesquisas/dados com base em dados coletados na escola:

Tabela 01: Aulas de Geografia de acordo com as turmas e a proposta utilizada pelo professor

ANO	QUANTIDADE DE AULAS POR SEMANA	DURAÇÃO DE CADA AULA
7º ANO	3 (três)	45 minutos
8º ANO	3 (três)	45 minutos
9º ANO	3 (três)	45 minutos

As aulas de Geografia – e das demais disciplinas conforme foi observado – estavam mais pautadas no livro didático. A escola oferece um laboratório de informática, porém não encontramos na ocasião a disponibilidade de nenhum recurso específico para a ciência geográfica. Existiam mapas e outras ferramentas cartográficas, mas devido o tempo que não se fazia uso estavam em péssimo estado de conservação. O professor precisava se esforçar para produzir algum conteúdo diferente do que era visto nas “folhas amarelas” do livro que era o único norteador de atividades até então.

O primeiro passo para o desenvolvimento de atividades foi o planejamento do espaço escolar dentro das limitações existentes na própria instituição. O professor pode não ter como realizar estes procedimentos sem a ajuda pedagógica e gestora constantemente, mas infelizmente as reuniões deste tipo, na maioria das escolas públicas brasileiras, costumam acontecer uma ou duas vezes no ano e podem não ser suficientes para essa colaboração.

4.3 Uma análise das aulas de Geografia antes e depois do PIBID

4.3.1 Antes das atividades planejadas pelo PIBID

Durante o período destinado às observações³, muitos pontos considerados relevantes foram abordados e analisados de forma imparcial para que o planejamento de trabalho fosse construído de forma que acrescentasse conhecimentos ao conteúdo programático de atuação da Geografia na escola. A abordagem do social nas aulas era feita a partir de reflexões

³ O período destinado às observações foi construído pela presença dos bolsistas do PIBID na sala de aula realizando atividade empírica. Com as anotações e análises realizadas neste momento é que foi possível a construção do Plano Geral de Trabalho e do desenvolvimento de novas metodologias para as aulas de Geografia.

levantas e discutidas pelo professor nas aulas sem uma participação efetiva dos alunos. A construção do senso crítico era realizada apenas pelas considerações do professor que se pautava no uso do livro didático.

Quadro 02: Período de observações das aulas



É importante salientar que o trabalho do professor se concentra nas ferramentas que a ele são oferecidas pelo sistema educacional e que a prática observada se moldava nas opções que o professor de Geografia dispunha até então. Não podendo ser considerado como o resultado do interesse apenas do professor, mas como o que pode ser feito mediante ausência de recursos e estímulos para o docente.

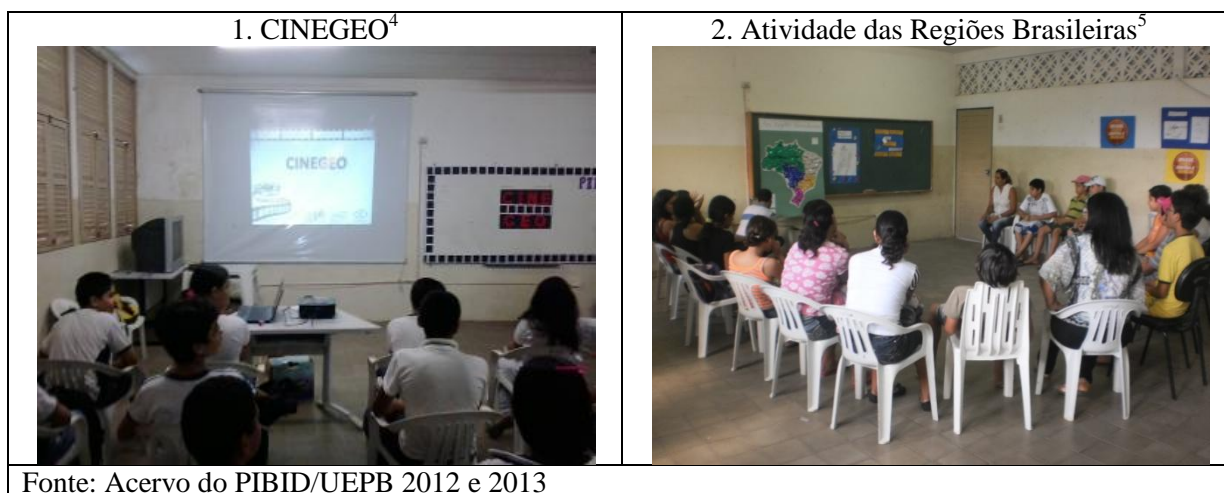
4.3.2 Depois das atividades planejadas pelo PIBID

Após o período de observações, o próximo passo foi a pesquisa metodológica por caminhos que traduzissem as teorias pretendidas. O principal fator de relevância para esta estruturação foi a importância da ciência geográfica no dia a dia dos alunos e na relação sociedade x natureza vivenciada por eles. Alguns aspectos mais “essenciais” foram propostos de forma mais assídua aos conteúdos introduzidos pelo livro didático.

Os planos organizados foram compostos por uma série de atividades que evidenciariam a discussão de ideias e debates acerca dos conhecimentos dos alunos. O espaço vivido fez parte desta relação e intermediou o andamento das demais atividades. A

preocupação sobre a inovação na sala de aula não se fixou exclusivamente no uso do computador, mas na abertura do espaço para que os alunos tivessem voz e opinião própria.

Quadro 03: Grupos de debates planejados pelo PIBID com foco social



Não podemos afirmar que o PIBID tenha sido um divisor de águas na prática escolar ou metodológica do professor, apenas foi possível através dele estabelecer novos caminhos e métodos pelos quais as aulas tiveram um seguimento mais produtivo e qualitativo para o ensino da ciência geográfica. Com atividades pensadas de forma intercontextual, a construção do conhecimento dos alunos encontrou novas formas de se relacionar com o assunto que estava sendo visto em sala e isso possibilitou a conversa da realidade vivida e da prática conceitual dos alunos.

4.4 A importância do planejamento das aulas de Geografia para a formação pessoal, profissional e social dos alunos

O planejamento é uma ferramenta fundamental em qualquer tarefa que se deseja executar e nas aulas de Geografia é ele que faz o papel do gerenciamento das relações dentro do espaço. Entretanto, não é apenas em função do planejamento que encontramos os objetivos

⁴ O **CINEGEO** foi uma atividade desenvolvida pelos bolsistas e supervisora que visou na apresentação de um documentário produzido pelos próprios alunos acerca dos problemas locais identificados em seus bairros.

⁵ A **Atividade das Regiões Brasileiras** foi desenvolvida em acordo com o conteúdo que estava sendo visto pelos alunos. Nesta atividade, os alunos foram organizados em um horário diferente do horário das aulas para que construíssem com a professora um mapa das Regiões Brasileiras. Nas atividades de construção do mapa muitas informações foram levantadas sobre cada região e foi priorizada a discussão social das informações apresentadas. Como produto final, os alunos montaram um mapa que foi produzido de forma manual e exposto na escola.

das aulas de Geografia. Outros fatores vão fazer parte do funil metodológico que proporciona a construção dos planos de atuação. Entre eles está a realidade vivenciada pelos alunos e na qual a escola está inserida.

Algumas análises teóricas podem sugerir que este ponto seja desnecessário, mas para a Geografia o estudo do espaço é o primeiro ponto para reflexão e atuação. A relação com a natureza e a dinâmica da sociedade pode contribuir para a prática do professor em sala e tornarem o ensino focado na realidade do espaço vivido, portanto mais prático e participativo. Um dos conteúdos propostos seguindo esta reflexão foi a questão do petróleo no Oriente Médio que resultou na construção de oficinas e atividades em sala.

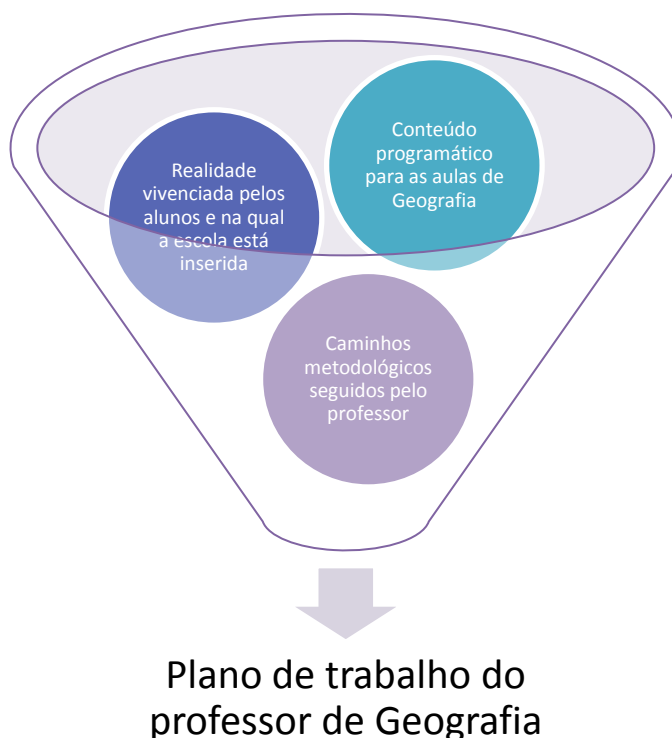
Tabela 02: Proposta de conteúdo e seu reflexo pessoal e social dos alunos

ABORDAGEM	APRESENTAÇÃO	ANÁLISE
CONTEÚDO	A questão do petróleo no Oriente Médio;	O conteúdo foi proposto de acordo com o livro didático e metodologicamente pensado de uma forma que colaborasse com a vivência local dos alunos;
FORMAÇÃO PESSOAL	A construção de ideias que conectem os efeitos da globalização na nossa realidade;	Buscando interligar as relações existentes entre o Brasil e os demais países, os alunos puderam estabelecer, com a ajuda do professor, uma série de reflexões acerca do cenário mundial do petróleo;
FORMAÇÃO PROFISSIONAL	A formulação de conceitos e características relacionadas aos conflitos no Oriente Médio em relação ao petróleo e as suas consequências globais;	Um conteúdo tão complexo que foi trabalhado de forma mais simplificada com a elaboração de conectivos e elementos de apoio pedagógico como vídeos e documentários que nortearam um debate mais participativo em sala;
FORMAÇÃO SOCIAL	A influência de crises mundiais no nosso dia a dia;	O destaque para os reflexos que a economia mundial causa no lugar em que vivemos foi um dos principais pontos de destaque desta análise, porém não foi o único. A associação da “guerra” pelo petróleo também abriu espaço para outros pontos de discussão como a falta d’água e outras situações existentes no dia a dia dos alunos;

A análise dos estudos e dos caminhos metodológicos para os temas propostos foi a parte mais delicada do planejamento das aulas de Geografia. Em diversas opções didáticas a

presença do espaço vivido é muito subjetiva e não traduz a necessidade da participação do aluno nas aulas. A necessidade de colocar todos os elementos de estudo em um **funil** para a construção da proposta de trabalho tornou viável a prática inovadora nas aulas de Geografia.

Gráfico 01: Funil de elementos da prática de ensino da Geografia



4.5 O uso das ferramentas disponíveis na escola para a realização de atividades mais elaboradas

Outra preocupação acerca do desenvolvimento de atividades mais elaboradas diz respeito ao gerenciamento das ações e os investimentos pretendidos. Muito embora seja uma realidade que a maioria das escolas possa não oferecer um suporte financeiro mais significativo para os professores, a necessidade de adaptação do espaço escolar ao plano do professor não será prejudicada por isso. Nas ações do PIBID uma atividade aplicada necessitaria de um investimento para concretização do planejamento, mas caminhos alternativos foram trilhados e deram certo.

ATIVIDADE	“FEIRA DA TECNOLOGIA”
OBJETIVO DA ATIVIDADE	INSTIGAR OS ALUNOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ANÁLISE SOBRE OS RECURSOS TECNOLÓGICOS EXISTENTES E A SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE, ACESSIBILIDADE SOCIAL E UTILIZAÇÃO DE TAIS RECURSOS.
RECURSOS DISPONÍVEIS NA ESCOLA	A ESCOLA DISPONIBILIZOU A SALA DE VÍDEO ALÉM DE MESAS, CARTEIRAS E OUTROS ELEMENTOS ESTRUTURAIS PARA A ATIVIDADE.
DEMAIS RECURSOS UTILIZADOS	OS BOLSISTAS, A PROFESSORA E OS ALUNOS TROUXERAM EQUIPAMENTOS TECNOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA FEIRA. OS ALUNOS ATÉ PREPARARAM UM TIPO DE “BRINDE” PARA OS VISITANTES DA AMOSTRA. A ATIVIDADE FOI ABERTA PARA O RESTANTE DA ESCOLA E OS DEMAIS ESTUDANTES.
PLANO DE REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE	<ol style="list-style-type: none"> 1. APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE PARA OS ESTUDANTES E INSTRUÇÕES PARA ALGUMAS TAREFAS; 2. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE; 3. DURANTE A FEIRA APRESENTAR PROBLEMÁTICAS AOS ALUNOS PARA REFLEXÃO DO QUE ESTÁ SENDO EXPOSTO; 4. ENVOLVER TODA A COMUNIDADE ESCOLAR NA ATIVIDADE ABORDANDO OS BENEFÍCIOS E PREJUÍZOS;

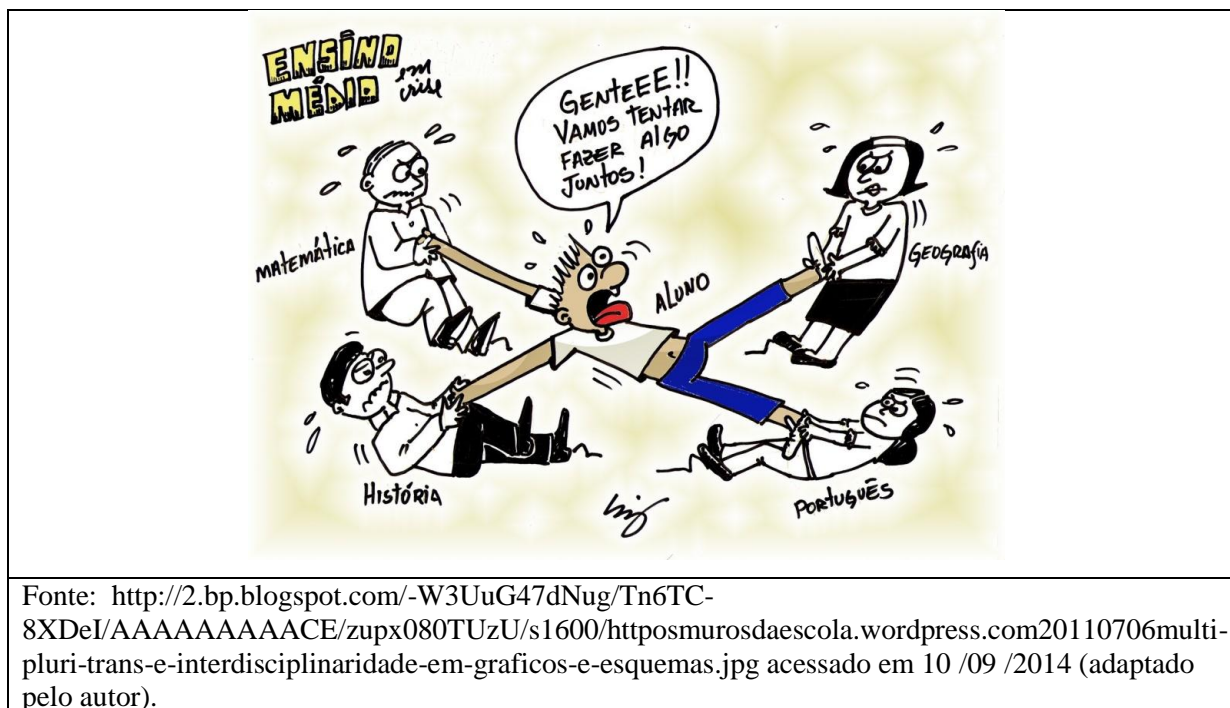
Quadro 03: Feira da Tecnologia



4.6 A contribuição das demais disciplinas/ciências na realização de atividades: Uma reflexão a partir das atividades desenvolvidas

Uma das preocupações no momento de desenvolver as práticas planejadas foi a necessidade da interdisciplinaridade. Muitos conteúdos são compostos por pontos que relacionam a Geografia às demais ciências e não podem ser dissociados na prática do professor. Alguns aspectos em especial tornaram os assuntos abordados durante o PIBID uma verdadeira “fonte” de ideias e alternativas inovadoras. Mas ficou clara a necessidade de estabelecer uma relação com as demais disciplinas escolares no intuito de favorecer o aprendizado dos alunos.

Figura 01: A interdisciplinaridade nas aulas de Geografia



A interdisciplinaridade vai ser discutida por diversos autores e a sua definição de assemelha a diversas outras formas de comunicação entre as disciplinas escolares. Para Libâneo (2002),

O termo vem de disciplina, ciência, ramo do conhecimento, organização dos ramos do conhecimento, uma certa ordem na organização do conhecimento. Uma disciplina se caracteriza por: objeto próprio de estudo, métodos de investigação, um sistema conceitual, caracterizando um domínio próprio de estudos. É isto a disciplinaridade. Da disciplinaridade vem a interdisciplinaridade: reciprocidade, interação entre as disciplinas. Portanto, do termo disciplina decorrem outros conceitos: multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, definindo uma gradação no nível de cooperação e coordenação entre as disciplinas (LIBÂNEO, 2002, p.73).

Uma das atividades que evidenciou esta relação foi o “Painel Geográfico do Aniversário de 125 anos de Guarabira”. Nesta atividade, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer aspectos geográficos, históricos e sociais sobre a cidade de Guarabira e montaram um painel que foi exposto durante uma semana para os demais alunos da escola. Além disso, eles apresentaram em sala tudo o que foi pesquisado através de cartazes e outras formas de expressão.

Quadro 04: Painel Geográfico



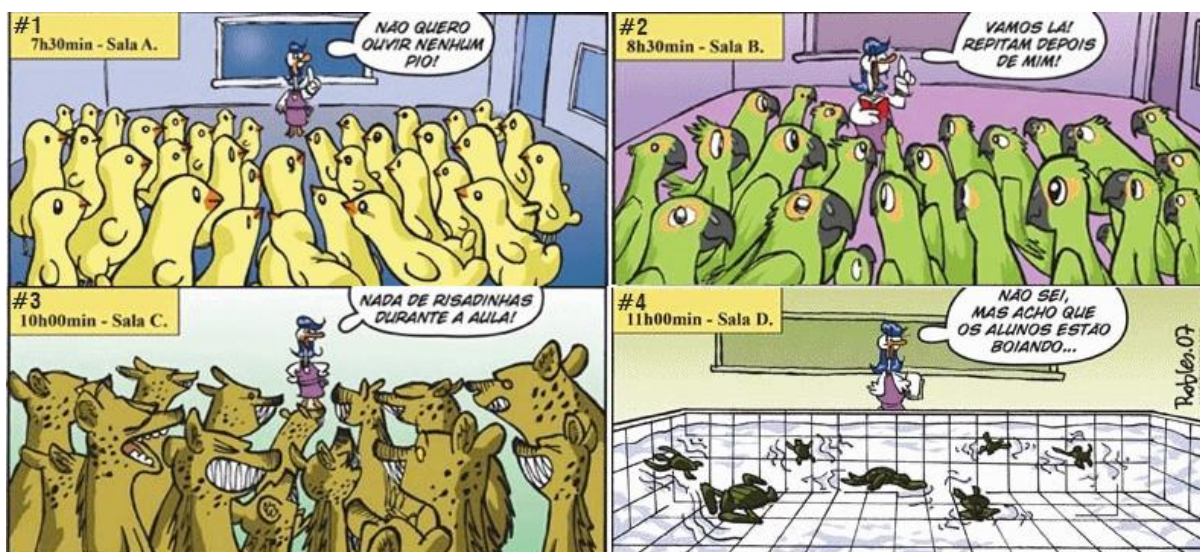
4.7 A didática e avaliação das atividades como instigadores da consciência social dos alunos

O ensino da Geografia nas escolas tem sofrido influência direta da falta de investimentos do poder público. A observação da paisagem e das dinâmicas espaciais, método empírico, não tem sido destacado nas ações governamentais nem tem sido alvo do financiamento de projetos e ideias de destaque. O resultado desse desinteresse é refletido diretamente no processo de formação de alunos críticos com o seu espaço e com a sociedade em toda a sua amplitude.

A didática utilizada pelo professor de Geografia conduz o andamento das atividades programadas, embora pareça ser algo simples de ser construída, a didática elabora uma série de possibilidades e medidas metodológicas que vão contribuir com a aprendizagem e avaliação dos alunos. O uso da avaliação contínua, por exemplo, é um dos caminhos didático pedagógicos na atualidade que é indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – para o ensino da Geografia. O modelo tradicionalista de ensino é ainda um dos principais empecilhos identificados no planejamento tradicional do professor e que reflete automaticamente na forma de estudo do aluno que pode não conseguir realizar uma ponte entre o conteúdo e a significância dele no seu dia a dia.

⁶ Desenho retratando o Mercado Público de Guarabira um importante elemento econômico e de integração social para a cidade e lugar de comércio popular nos dias de feira livre.

Figura 02: Aulas de Geografia seguindo moldes tradicionalistas



Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor)

A Geografia tem encontrado dificuldades para desconstruir essa visão estática da ciência e promover a sua dinâmica na sala de aula fazendo com o aluno seja capaz de pensar e atribuir um significado à sua permanência na escola. Como foi visto anteriormente, o espaço escolar, vivido e construído fazem parte do mesmo espaço geográfico e precisam ser acionados em diferentes formas e escalas de conhecimento. A articulação de um plano voltado para a formação social dos estudantes se concretiza em ações que promovam a compreensão da sua realidade e o seu reflexo em escala global.

4.8 O uso do computador nas aulas: Atividades planejadas de forma metodológica para a relação entre o global e o local

O uso das ferramentas tecnológicas em sala de aula já se tornou um clichê em diversos discursos e na prática podemos perceber a sua ausência em momentos oportunos como na leitura e produção de cartas topográficas. Uma das formas mais fiéis de identificação da relação entre o global e o local é quando nos dedicamos à leitura de mapas e estes vão proporcionar a visualização desta ligação. Através de um mapa o professor encontra diferentes formas de apresentar conteúdos e torná-los mais “atraentes” aos olhos dos alunos e este planejamento se beneficia pelo uso do computador.

Uma das principais atividades do PIBID neste sentido, foi a construção de um mapa das 5 Regiões Brasileiras pelos próprios alunos e ao passo de montagem de cada região foram estabelecidos conectivos como população, economia, taxa de desenvolvimento social entre

outros. Ao final do desenvolvimento das atividades, os alunos puderam comparar a realidade e diferenças existentes entre todas as regiões chegando à realidade local. O resultado desta atividade foi satisfatório e bastante concreto já que os alunos apresentaram uma maior compreensão de todas as dinâmicas sociais existentes e a relação entre o que acontece no Brasil e é identificado no seu cotidiano.

PLANO DE ATIVIDADE - AS 5 REGIÕES BRASILEIRAS	
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	Os alunos participaram de oficinas extraclasse no intuito de estudarem de forma mais direcionada o mapa do Brasil na forma das suas 5 regiões. E através deste estudo confeccionarem um mapa analisando a cada região as principais relações entre o global (Brasil) e o local (Nordeste);
OBJETIVO GERAL	Proporcionar aos alunos a oportunidade de compreender a dinâmica regional brasileira segundo o IBGE e as suas relações internas favorecendo a construção de um mapa com menção à realidade econômica, social e educacional de cada região.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o mapa das regiões brasileiras de forma mais trabalhada e dinâmica aos alunos; • Estudar com os alunos as relações existentes entre as regiões dando destaque para o fator econômico, social e educacional; • Produzir um mapa e apresentá-lo para a comunidade escolar;
METODOLOGIA	Aulas expositivas com o uso do computador em horário oposto ao das aulas para um aproveitamento melhor do conteúdo;
MATERIAIS	Computador, datashow, cartazes, mapas, vídeos entre outros;
PLANO DE DESENVOLVIMENTO	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentar o conteúdo e a leitura de um mapa (construir com os alunos os principais itens de composição de um mapa); 2. Iniciar a construção de um mapa dando a cada região características definidas de acordo com pesquisas e outras fontes e buscar relaciona-las com o Nordeste; 3. Abrir espaço para discussão das principais diferenças e semelhanças entre as regiões e a realidade vivenciada pelos alunos; 4. Expor o mapa construído na escola para que os demais alunos também tenham acesso às informações;
AValiação	Avaliação contínua levando em consideração o empenho e desempenho dos alunos durante a atividade;

Quadro 05: Oficina de cartografia na escola resultando na construção de um mapa das regiões brasileiras pelos próprios alunos



Fonte: Acervo do PIBID/UEPB 2012 e 2013

4.9 O uso do diálogo como forma de avaliação contínua: A formação de grupos de debate e realização de atividades com a participação dos alunos

A construção do diálogo nas aulas de Geografia mostrou um aproveitamento positivo e a questão avaliativa se concentrou neste caminho metodológico. O aluno deixou de ser um sujeito passivo dessa relação e ganhou a oportunidade de se expressar sem a pressão ocasionada pelos sistemas fechados de avaliação. Diversas formas pedagógicas foram utilizadas para a concretização deste momento e muitas até partiram de outras reflexões já realizadas acerca do tema.

A utilização de materiais como mapas, cartazes, imagens e até mesmo o próprio computador em sala de aula, facilitam a forma de apresentação de conteúdo que muitas vezes, ou não, acontecem com a utilização do livro didático. Muitos professores podem encontrar dificuldades na utilização destes meios mais “modernistas” mas vale apenas investir neste esforço pois o resultado encontrado é o melhor possível. Outro ponto que pode ser pensado é a questão da avaliação destas aulas. Um conceito muito recente e falado ultimamente é a questão da “avaliação contínua” que desconstrói a forma tradicional de avaliação – em alguns aspectos pontuais -, a utilização das provas escritas sai de cena e dá lugar à voz do aluno para que ele tenha um espaço mais produtivo podendo mostrar seus conhecimentos através do senso crítico (OLIVEIRA, 2013).

Evidentemente o diálogo entre professor e aluno não deve acontecer exclusivamente nas aulas de Geografia, mas em todas as demais disciplinas. Os caminhos utilizados pelo professor são indicadores da eficácia do seu planejamento geral e são validados ao passo em que ocorre a avaliação em sala. Os grupos de debate compõem uma parte significativa de uma opção de avaliação contínua eficaz e verdadeiramente esforçada em beneficiar a formação dos alunos.

Estratégias e métodos devem ser pensados para que o professor faça o melhor proveito possível das informações observadas. Algumas avaliações acontecem de forma natural ao passo em que se prepara novos conteúdos e questionamentos na sala de aula. Abrir um espaço para que o aluno exponha o conhecimento que ele conseguiu construir com as aulas é um passo importante na concepção do professor acerca do aproveitamento do conteúdo (OLIVEIRA, 2013).

Entretanto, já é sabido da necessidade de orientação mais avançada quando tocamos no assunto referente à participação mais ativa – mais intensa do que a habitual – dos alunos durante a explanação do conteúdo. Muitas teorias são optativas pelo pensamento crítico e fazem uso do termo

Nova Geografia como um subsídio para o uso do diálogo e da sua utilização em grupos de debates e em atividades desenvolvidas com os alunos. Mas é importante atentar para não transformar um momento crítico de diálogo em sala em uma atividade oral com respostas certas e outras erradas.

Quadro 06: Grupos de debates em sala de aula planejados pelo PIBID de Geografia



Fonte: PIBID UEPB 2012

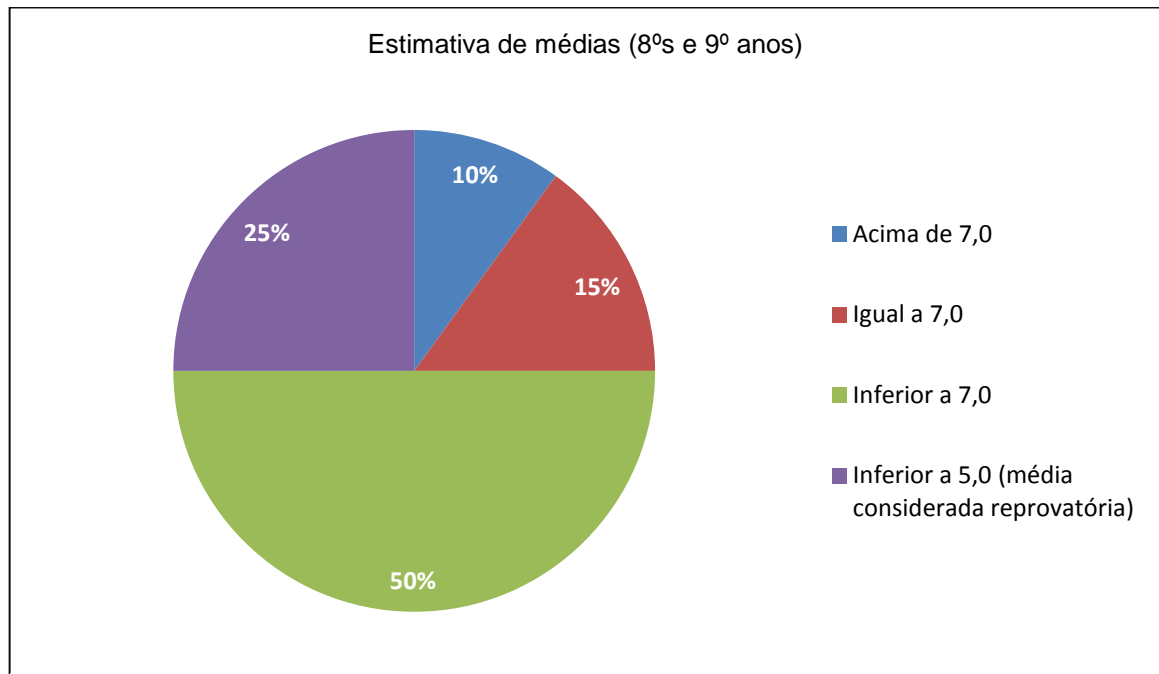
4.9.1 Um relato pessoal da experiência vivida em sala

A experiência da sala de aula é um fator essencial para a nossa formação de professores. O estágio supervisionado ajuda neste momento, mas não é o suficiente para uma formação crítica, fundamentada e vivida. O estudo do espaço geográfico é um exercício contínuo para nós professores de Geografia e a percepção dos pontos que integram este espaço é crucial para o ensino da ciência. As atividades planejadas pelo PIBID puderam fundamentar algumas reflexões presentes até esse momento no texto, mas a tentativa inovadora proposta para as aulas de Geografia na escola é que foi realmente válida para a compreensão das relações existentes nos mais variados lugares.

A ciência geográfica em toda a sua amplitude permite ao professor que ele faça uma leitura geral do espaço no qual está inserido e pode oferecer um suporte ao que se planeja, ao que se organiza em prol de suas aulas. Não se pode “cortar” as asas dos alunos mediante problemas sociais tão claros quanto os que testemunhamos na atualidade, devem-se propor formas e métodos que instiguem cada vez mais o eixo social da Geografia na sala de aula e com isso trabalhar o espaço em sua totalidade.

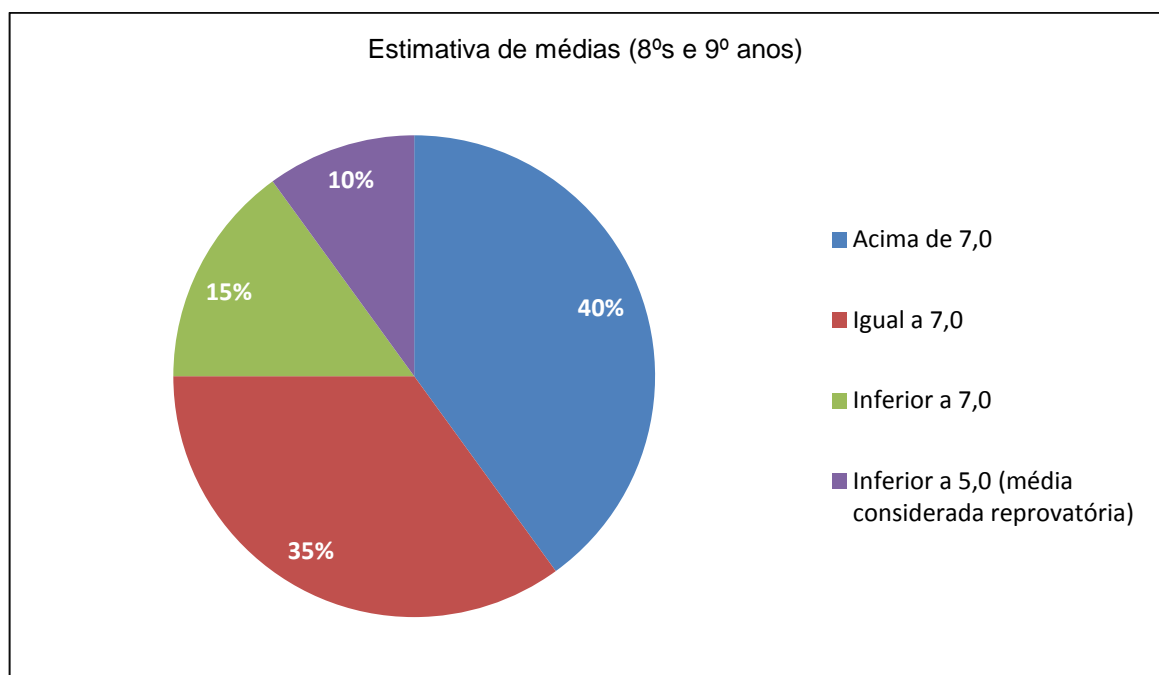
4.10 Infográficos das notas antes e depois das atividades do PIBID nas aulas de Geografia

Gráfico 02: Média escolar antes das atividades organizadas pelo PIBID



Fonte: Caderneta do Professor e Quadro de atividades desenvolvidas pelo PIBID

Gráfico 03: Média escolar após as atividades organizadas pelo PIBID



Fonte: Caderneta do Professor e Quadro de atividades desenvolvidas pelo PIBID

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS A PARTIR DOS GRÁFICOS ANALISADOS

Os dados representados pelos gráficos acima permitem uma leitura clara da diferença metodológica entre os dois momentos pontuados como norteadores da eficácia das atividades do PIBID nas aulas de Geografia. No primeiro momento podemos considerar que as atividades avaliativas fixadas em testes fechados e outras formas de avaliação tradicionalistas limitavam as respostas dos alunos e as taxavam de “corretas” ou “erradas” e a real aprendizagem dos alunos, ou seja, o seu conhecimento construído, não era efetivamente considerada.

Com a proposta metodológica das avaliações sugeridas pelo PIBID onde os alunos tiveram voz para participar de debates e discussões com ligações entre o conteúdo e sua vivência cotidiana foi observado um grande avanço tanto em notas quanto nos resultados em sala de aula. Os métodos utilizados pelo PIBID buscaram uma relação pautada no ensino crítico da ciência, com atividades de reflexão, com o uso de vídeos e imagens que estabelecessem uma “ponte” entre o global e o local, um elemento fundamental na formação e consciência social dos educandos.

Abaixo temos uma tabela de comparação entre as metodologias utilizadas antes e as utilizadas pelo PIBID:

Comparação das notas entre o antes e depois

	Acima de 7,0	Igual a 7,0	Inferior a 7,0	Inferior a 5,0
AP	10%	15%	50%	25%
DP	40%	35%	15%	10%
PORCENTAGEM DE AVANÇO DAS NOTAS				
(+) AUMENTOU	(+) 400%	(+) 233%	(-) 333%	(-) 250%
(-) DIMINUIU				

LEGENDA: (AP) ANTES DO PIBID / (DP) DEPOIS DO PIBID

É notória a necessidade de adaptação dos métodos e da metodologia do professor em situações que exijam uma maior reflexão dos resultados encontrados, não só pela necessidade de boas notas, mas pela importância de uma boa formação, inclusive social, dos seus alunos.

O caráter social da organização das aulas se configura na participação, aprendizado e construção dos alunos e resultados alcançados, quando submetidos às atividades inicialmente pensadas dentro dos moldes metodológicos propostos pelo ensino crítico da Geografia. Em vários momentos fica evidenciada a opinião original com sentidos e significados sobre determinado tema ou assunto. Os recursos utilizados para o estudo se mantiveram dentro desta perspectiva e serão apresentados, analisados e representados neste ponto. Mas é importante destacar que, o planejamento é passo fundamental para uma boa aula e o planejamento participativo – levando em consideração o conhecimento dos alunos - é, muitas vezes, mais produtivo que qualquer caminho metodológico construído de forma individualista.

4.11 O espaço escolar como um importante fator da cidadania

O livro **Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra**⁷ de Yves Lacoste⁸ aborda a concepção da Geografia. A ciência geográfica, de acordo com Yves, apresentaria uma visão de Estado que estaria preocupado com a força militar e de defesa utilizando os conceitos geográficos para isso. Ele também destaca a Geografia dentro da escola e a apresenta dentro de uma organização voltada para o ensino na sala de aula.

Um dos fatores que constituem um cidadão é justamente a formação da sua cidadania, do seu compromisso com os direitos e deveres perante a organização social na qual está inserido. O Brasil ainda é considerado um país que não privilegia disciplinas que estejam concentradas neste campo de estudo e a instrução da ciência social fica pela incumbência das demais ciências humanas na escola. A Geografia entra neste perspectiva como uma das principais vertentes escolares rumo à prática social escolar.

A Geografia Crítica é considerada a inovação em sala de aula e abre o espaço geográfico para a inserção da perspectiva social no ensino da ciência.

Na realidade, a Geografia Crítica abre um leque bastante extenso de defensores, com posturas diversas, mas com o mesmo propósito: o de colocar a Geografia no combate e busca por melhores condições sociais.

⁷ LACOSTE, Yves. *Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra*. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2001. 263p.

⁸ Yves Lacoste (Fez, 1929) é um geógrafo e geopolítico francês. Lançou no início de 1970 a revista *Hérodote*, que nos últimos trinta anos procurou revelar a face oculta da Geografia, isto é, seu caráter político. Contribuiu com obras críticas e inovadoras, como *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre* ("A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra") para uma discussão do conceito da geografia política e geopolítica, especialmente na França.

Essa nova proposta tem, entre seus maiores representantes, o renomado geógrafo Milton Santos. Em suas obras, esse autor afirma que o processo de produção espacial deve ser o objeto das análises geográficas, reconhecido em cada manifestação concreta, na perspectiva de uma geografia mais atuante, a que considera o espaço como um lugar de luta. Ressaltamos que a obra de Milton Santos é uma das mais amplas e acabadas da Geografia Crítica. Observamos que, muito embora as escolas e alguns livros didáticos divulguem um discurso geográfico crítico e renovador, atualmente, ainda presenciamos, na realidade escolar como um todo e na prática do professor, especificamente, um ensino tradicional. Infelizmente, a realidade confirma que esse ensino, que quase nada contribui para a formação cidadã do estudante, ainda persiste em muitas de nossas escolas (SANTOS, 2006, p.14).

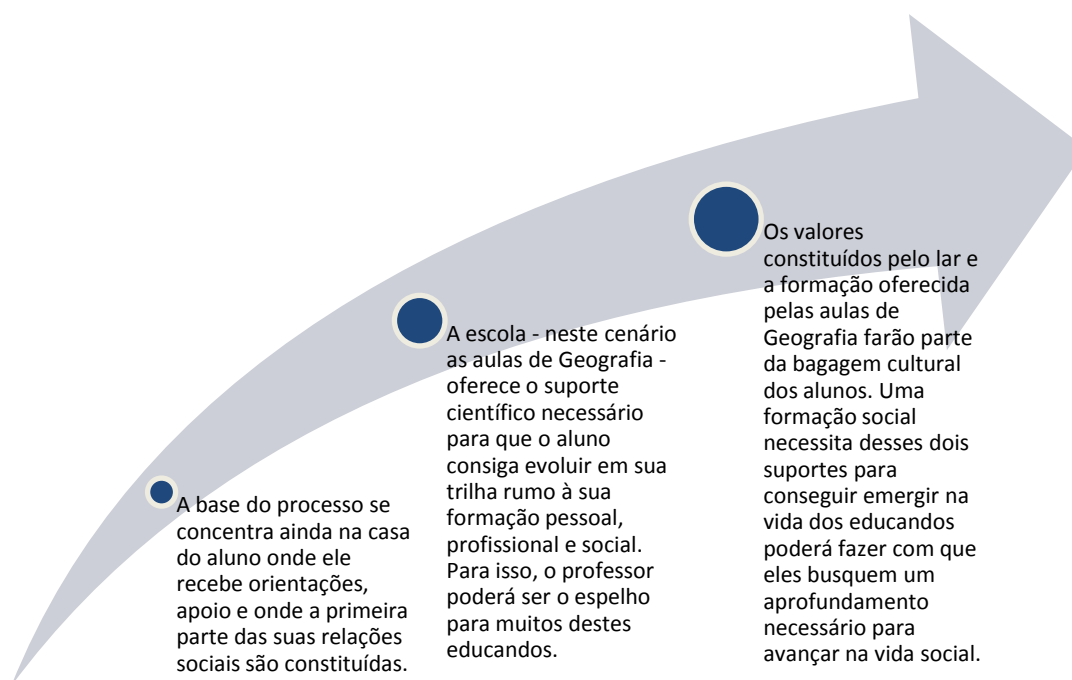
As diferentes concepções da Geografia acerca do espaço divergem não apenas teoricamente. O estudo espacial da sociedade e da sua dinâmica de funcionamento é fundamentado em discussões e reflexões levantadas através de estudos e de pesquisas de campo. O conteúdo escolar que trabalha com essas questões é justamente a Geografia que passou por um período de reformulações teóricas recentemente e que durante muito tempo foi proposta de segurança militar.

Mecanismos pedagógicos atuais reconstituem os deveres de cada ciência na sala de aula e a Geografia vai trabalhar as definições regionais, políticas e sociais. O professor de Geografia pode (re)construir ideais, propostas e reflexões e a magnitude dos conceitos de análise geográficos vão nortear esta discussão. A questão do lugar, do território, da paisagem e da região dentro do espaço vivido pelos alunos e da dinâmica empírica condicionada a eles. A cidadania se constrói aos poucos e se molda de acordo com a realidade, com os fluxos informacionais e com as vertentes existentes dentro de um mesmo meio.

O processo da cidadania também consiste no âmbito da educação. Não apenas da educação obtida na escola, mas desde a sua base: na casa do aluno. As aulas de Geografia não farão o papel de socialização dos alunos de forma individualizada. A base social dos alunos precisa ser constituída em suas casas e aprimorada dentro da dinâmica das aulas em um trabalho de passo a passo composto pela relação:

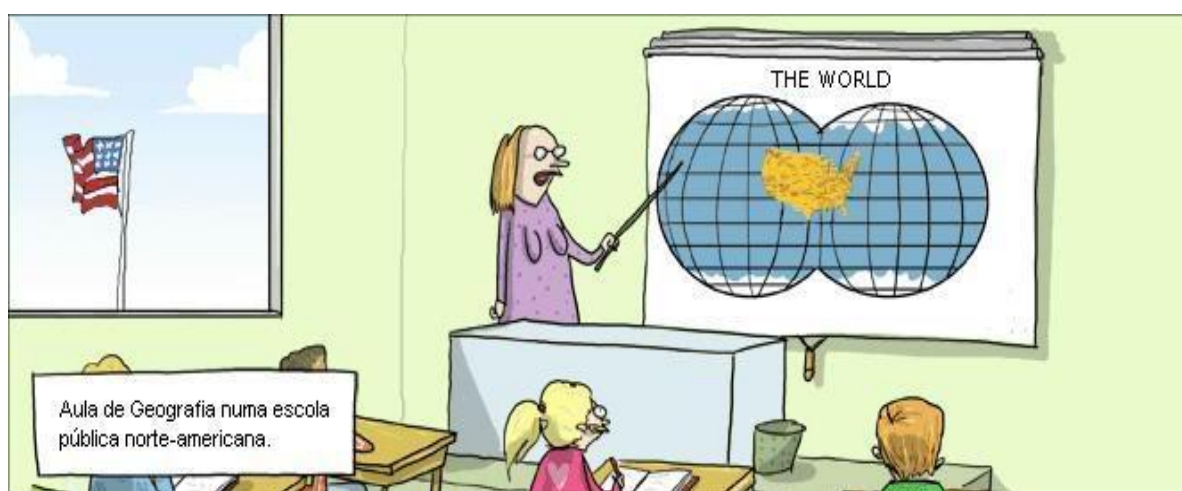


Gráfico 04: Escala da construção social dos alunos



Abaixo temos uma ilustração que pode representar a importância das aulas de Geografia numa escola e do **poder** que o professor de Geografia tem em suas mãos para a construção da cidadania de seus alunos.

Figura 04: O “poder” da Geografia na sala de aula



Fonte: <http://i11.photobucket.com/albums/a191/pepson/tirinha-aulaamericana.jpg> acessado em 08/09/2014 (adaptado pelo autor)

Na imagem, percebemos através da legenda que se trata de uma aula de Geografia em uma escola pública norte-americana. Na explanação da professora os Estados Unidos da América – EUA - estaria no centro dos dois mundos e seria o país central da economia,

cultural e padrões sociais. Dessa forma percebemos a centralização do mundo em fatores ligados à ciência geográfica como o mapa que a professora utiliza e que põe, propositalmente, a localização espacial centralizada do território americano.

Nesta concepção, podemos considerar que seus alunos poderão apresentar um perfil:

Egocêntrico	Chauvinista	Exclusivista
<ul style="list-style-type: none"> • Pessoa que se considera o centro de tudo e de todos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoa tendenciosa à favor de algum país ou grupo específico; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoa que age de maneira egoísta em relação aos demais;

O professor de Geografia precisa apresentar a realidade como ela é. Fazendo uso de recursos ilustrados, a noção de espacialização é de fundamental importância na construção do conhecimento dos alunos. A maioria dos professores de todas as disciplinas devem ser orientados a seguir um caminho metodológico parecido e que tenham um objetivo social em seu plano de aula. A cidadania é construída de forma contínua e precisa de uma formação participativa, igualitária e ética contribuindo para a sustentabilidade social das aulas.

5 CONCLUSÃO

A leitura do espaço geográfico é ampla e exige uma reflexão muito mais prática do que teórica. A teoria é importante evidentemente, mas a prática confirma ou não a teoria, a torna válida ou não. Os caminhos utilizados neste trabalho são lúdicos, exemplificados e atentos ao pensamento inovador da Geografia. Muito embora o conceito de “Geografia Crítica” ou até mesmo de “Nova Geografia” já tenha se difundido ao longo de tantos anos os casos de professores que realmente inovam em sala de aula ainda são bem escassos.

O livro didático é uma importante ferramenta para as aulas de Geografia. Desde que seja feito um uso coerente com a Geografia Crítica e não apenas a reprodução do conteúdo e dos conceitos trabalhados por ele. Os mapas também podem ser um importante fator social e

podem ser utilizados de forma norteadora de debates e discussões. É importante destacar que o ensino tradicional ainda é percebido em muitas práticas docentes e que a tentativa de desconstruí-lo pode ser um dos maiores obstáculos para o professor de Geografia.

O papel social da Geografia se define no estudo das relações sociais existentes dentro do espaço geográfico e necessitam de atenção quanto ao planejamento do professor de Geografia. Durante a formação acadêmica, as necessidades relacionadas aos conceitos de análise da ciência são debatidos e discutidos arduamente, mas quando há a possibilidade de aprofundar estas discussões em sala de aula, o que podemos constatar é o afastamento teórico-prático e a realidade se torna numa mera reprodução tradicionalista.

Uma ciência social que estuda uma das mais complexas relações – sociedade x natureza – não pode ficar estagnada em reflexões que perderam o sentido diante de um mundo cheio de indagações novas e justificativas cada vez mais classificatórias. O planejamento do professor de Geografia é o primeiro passo para a transformação social dos alunos seguido pela organização do escolar e familiar que devem fazer parte da leitura proposta pelo espaço geográfico.

Os caminhos, atividades e avaliações apresentadas neste trabalho abordaram um conceito atual da forma de ensino da Geografia. A Geografia Crítica, o ensino inovador e a Geografia Escolar encaminharam os planos aqui apresentados e se mostraram muito eficazes. Embora não seja muito discutido em reuniões pedagógicas, o papel social das aulas de Geografia precisa estar inserido no planejamento, na didática e na avaliação do professor, pois é através dele que poderemos construir alunos mais atuantes no seu espaço vivido e em todos que fazem parte dele.

SOCIAL ROLE OF THE ORGANIZATION OF GEOGRAPHY LESSONS: A CASE STUDY IN EEEFM PROF. JOSÉ SOARES DE CARVALHO - GUARABIRA - PB

ABSTRACT

This article analyzes in a reasoned manner the social role of the organization of Geography lessons in the State School of Elementary and Secondary Education Prof. José Soares de Carvalho - Guarabira - PB. The text is constructed of the result of research conducted as a fellow of the PIBID UEPB - Institutional Program Initiation Grant to Teaching - between the years 2012 and 2013. This is important to discuss the size of the content of Geography lessons to a school, as well the sense of discipline that exists today. The geographical science is also based on social base and staff training all who are part of the space, it is because the understanding of space and place all part, in this case, the school itself. Despite a reduced

workload - most classes with 45 minutes long. Still have a provocative role of the thinking of students and this process, linked to critical thinking, trying to build active students. As a human science, the social role assigned to Geography is of fundamental importance for the critical formation of the students and to the elements and factors that are part of this process. The teacher must realize these reactions within the classroom, such as participation, student involvement with the activities and the understanding of the content in the course of the teaching learning and how - positive or negative - these reactions are surfacing in vision of their students and with these results (re) develop and adopt a continuous process of self-assessment methodology.

KEYWORDS: Education. Geography. Planning and Evaluation.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Educação: 40 lições da sala de aula**. Curitiba: Editora Positivo, 2004. 96 p.
- CALLAI, Maria Helena. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?**. In Revista Terra Livre, nº16. Pags: 133-152. São Paulo: 2001. 204p.
- CASTROGIOVANNI, Antônio. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- COOL, César; MARTÍN, Elena; MAURI, Teresa; MIRAS, Mariana; ONRUBIA, Javier; SOLÉ, Isabel; ZABALA, Antoni. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GANDIN, Danilo. **Escola e transformação social**. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- LACOSTE, Yves. **Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra**. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2001. 263p.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. Cortez Editora, São Paulo, 2005, 17ª edição, 180 p;
- MEIRINHOS, Manuel. OSÓRIO, António. **O estudo de caso como estratégia de investigação em educação**. In EDUSER: revista de educação, nº2. Pags: 49-65. Portugal: 2010.
- MENDONÇA, Francisco. **Geografia física: ciência humana?** Contexto, 1989. 72p.

NACIONAIS, Parâmetros Curriculares. **Geografia**. / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF,1997. 166 p.

OLIVEIRA, A. S. B. . **O uso do diálogo e a produção de oficinas como forma de auxílio no aprendizado dos alunos**. In: III ENID UEPB, 2013, Campina Grande - PB. Anais ENID / UEPB(2013). Campina Grande - PB: Editora Realize, 2013. v. 1.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de geografia?** 9. ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

QUINTÃO, Altemar de Figueirêdo Bustorff; ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. **Desafios e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil**. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia - ENPEG, Porto Alegre – RS, 2009. 12 p. <<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20%289%29.pdf>>. Data de acesso: 11/11/2013

SANTOS, André Luiz Moreira dos. **O espaço geográfico**. Florianópolis - SC, 2006. 37p. Relatório (Estágio Supervisionado) – Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, 2006. [Orientador: Prof. Dr. Márcio Ricardo Teixeira Moreira].

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1980.

VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Editora do Autor, 2008. 107p.